

Lula se distancia do povo durante viagens

Campanha na Baixada Fluminense mostrou que a desorganização e o assédio da imprensa e dos candidatos regionais está impedindo o contato direto do candidato com os eleitores

RICARDO LESSA

Rio — Está cada vez mais difícil para o candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, encontrar o povo. Na Baixada Fluminense, semana passada, em muitos momentos, a Caravana da Cidadania lembrava mais um *sight-seeing* pela pobreza do que qualquer outra coisa. Sempre apressados, como nas excursões turísticas, o líder petista e seus assessores se deslocavam

num micro-ônibus com janela fumê, descia, subia no carro de som ou se dirigia para alguma associação. O único corpo-a-corpo, programado para o calçadão de Nilópolis, foi desmarcado.

Em meia hora de passeio, num usualmente lotado vagão da Central do Brasil, Lula só conseguiu conversar com um legítimo representante do "povo desorganizado", Mateus Azevedo, 62 anos, agricultor. Perguntou onde Mateus morava — "Morro Agudo" —, onde tra-

balhava — "Queimados" —, o que achava do sistema de trens — "Viajo há 35 anos, cada dia piora um pouco". Lula se deu por satisfeito, sentou-se e entabulou conversa com um militante do PT.

O vagão que fez a viagem entre Nova Iguaçu e Japeri teve de ser praticamente esvaziado para que Lula, comitiva e imprensa coubessem. Alvimar da Silva, 54 anos, agente de segurança do INSS, separado do candidato pela barreira de assessores e fotógrafos, chamava na outra fila de cadeiras. "Lula, dá uma colher de chá para a gente!" O baleiro, personagem de todos os vagões da Central, não chegou nem perto de Lula, intimidado pela barreira humana.

A dificuldade de aproximação se repetiu nos portões da Ishikawaji-ma do Brasil, no Caju. Às 7 horas de uma das manhãs mais frias do Rio, Lula desceu do micro-ônibus, fumou uma cigarrilha e não conversou, até as 7h30, hora do comício, com nenhum dos operários que se aglomeravam na porta do estaleiro. A pose de Lula chamou a atenção do presidente do Sindicato dos Ferroviários e

deputado Carlos Santana. "Olha só como está o baiano, olha a camisa dele!", brincou.

Com sua barriga crescente, barba bem cuidada, Lula foi chamado de "dotô" pelo sorveteiro Vicente de Lima na plataforma da estação de Nova Iguaçu e não se incomodou. O candidato admite ser cada vez mais difícil ter contato com o povo. "Com a proximidade das eleições aumentam os candidatos regio-

nais, os militantes e o assédio da imprensa, fica difícil", justifica.

O "povo desorganizado" era o principal objetivo das caravanas. A distância entre a realidade e o objetivo ficou clara no trecho de 13 quilômetros que a comitiva petista percorreu, na quarta-feira. Lula, Benedita da Silva, Saturnino Braga, Jorge Bittar e uma entourage que lotou a caçamba de um caminhão basculante sacolejaram durante uma hora, sob sol de meio-dia, nas ruas esburacadas e desertas das vilas de Duque de Caxias. Lula quase não tinha para quem acenar. "O dia e o horário não foram bem escolhidos", desculpou-se Hernâni Coelho, organizador da caravana na Baixada.



**ÚNICO
CORPO-A-
CORPO FOI
DESMARCADO**